



A greve nas universidades

Em resposta à decisão do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais de São Paulo (Cruesp) de não conceder reajuste salarial de 2014, professores e servidores da Universidade de São Paulo (USP) anunciaram que deflagrarão uma greve por tempo indeterminado a partir do início da próxima semana. A greve conta com o apoio do Diretório Central Estudantil. Docentes e funcionários da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade Estadual Paulista (Unesp) já tomaram a mesma iniciativa, mas ainda não a anunciaram.

As duas categorias, que obtiveram 5,39% de reajuste salarial em 2013, reivindicavam aumento de 9,78% este ano. Em resposta, além de lembrar que seus orçamentos já estão inteiramente comprometidos com a folha de pagamento, os reitores da USP, Unicamp e Unesp alegam que as três instituições enfrentam a mais grave crise financeira de sua história e não dispõem de recursos para atender a essa reivindicação.

Na USP, os salários consomem 105,33% do orçamento, o que tem obrigado a Reitoria a recorrer a uma reserva estratégica. Na Unicamp e na Unesp, os gastos com a folha são de 97,33% e 95,42%. Nas universidades estaduais paulistas, não há dinheiro para investimentos em pesquisa científica e atividades de extensão. Para assegurar o equilíbrio orçamentário, a

USP, a Unicamp e a Unesp deveriam gastar com a folha de pagamento não mais que 85% de seu orçamento, argumentam os técnicos do Cruesp.

O descontrole de gastos nas três instituições ocorreu nos últimos quatro anos. Ele foi causado pela concessão de sucessivos reajustes salariais acima da inflação e pelas contratações de docentes e servidores técnicos para atuar nos campi criados na década de 2000. Com a posse de Lula na Presidência da República, em 2003, a União passou a investir na expansão da rede de universidades federais no Estado de São Paulo. Como resposta ao PT, o governo paulista, sob controle do PSDB, fez o mesmo com as universidades estaduais. Juntas, elas têm 186,3 mil alunos, 11,2 mil professores e 31,9 mil funcionários.

As entidades de docentes e de servidores da USP, da Unicamp e da Unesp alegam que essa expansão ocorreu sem planejamento e sem a concessão de recursos adicionais por parte do Palácio dos Bandeirantes. Assim, as três instituições – que por determinação constitucional recebem 9,75% da receita do ICMS – teriam sido obrigadas a aumentar suas despesas de custeio sem contrapartida financeira, o que as desequilibrou financeiramente.

Essas entidades defendem que a cota das universidades estaduais paulistas no ICMS seja aumentada para 11,6%. Pedem, também, que o cálculo leve em conta a receita bruta desse tributo e não a receita líquida (pe-

lo critério em vigor, o governo estadual não inclui no cálculo do montante a ser dividido as multas, os juros de mora e a dívida ativa). E ainda exigem que o reajuste salarial seja bancado com as reservas técnicas das três universidades.

Diante dessa situação, a greve dos docentes e servidores é despropositada. Também não é razoável a proposta de aumento da fatia de ICMS para as universidades. Para 2014, o orçamento da USP é de R\$ 5 bilhões; o da Unicamp é de R\$ 2,56 bilhões; e o da Unesp, de R\$ 2,7 bilhões. No total, as três instituições receberão quase R\$ 10 bilhões este ano. Se ampliar a fatia do ICMS a que elas têm direito, o governo paulista será obrigado a reduzir investimentos em saneamento básico, saúde, transportes e segurança pública, o que é um contrassenso.

O que cabe ao governo do Estado é complementar o orçamento das universidades, para que superem a crise. E, para evitar que as despesas de custeio sejam maiores do que as receitas, levando-as a consumir o que resta de suas reservas estratégicas, a USP, a Unicamp e a Unesp devem cortar gastos, redimensionar seus quadros de pessoal, impor metas de produtividade e ampliar as parcerias das fundações de apoio com a iniciativa privada. Por maior que seja a resistência das entidades de docentes e de servidores contra essas medidas, as universidades estaduais paulistas não têm outra saída para sair da crise em que se encontram.